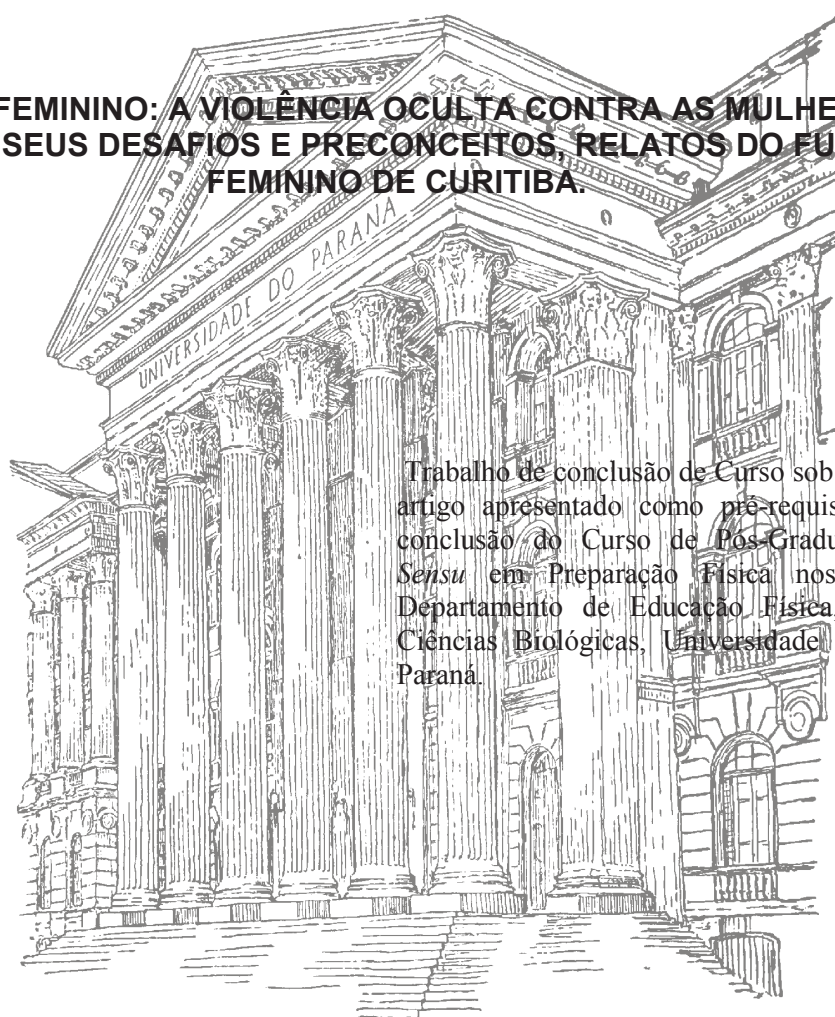


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MEIRY HELEN MARIA DA PAIXÃO

FUTEBOL FEMININO: A VIOLÊNCIA OCULTA CONTRA AS MULHERES NO ESPORTE, SEUS DESAFIOS E PRECONCEITOS, RELATOS DO FUTEBOL7 FEMININO DE CURITIBA.



Trabalho de conclusão de Curso sob a forma de artigo apresentado como pré-requisito para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Preparação Física nos Esportes, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA
JULHO/2019**

MEIRY HELEN MARIA DA PAIXÃO

Futebol Feminino: A Violência oculta contra as Mulheres no Esporte, seus desafios e preconceitos, relatos do Futebol7 Feminino de Curitiba.

Artigo apresentado como pré-requisito para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Preparação Física nos Esportes, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR PROFESSOR DR. JULIMAR LUIZ PEREIRA

RESUMO

Ao longo dos anos as mulheres vêm enfrentando várias formas de violência e de preconceito na luta por seus direitos, no esporte seja ele de rendimento, amador ou de lazer, também não é muito diferente. Assim, o objetivo desse estudo foi tentar entender um pouco mais sobre como as mulheres praticantes de futebol 7 da cidade de Curitiba lidam quando vivenciam tais situações. Foram entrevistadas 12 atletas atuantes que possuem vínculo (s) com alguma (s) equipe (s) que participam de competições ligadas com alguma federação ou liga de futebol 7. Para tal análise, as entrevistadas responderam um questionário contendo 13 perguntas, sendo de características abertas e fechadas, sobre a vivência delas com o esporte, relatando a discriminação e a violência contra a mulher futebolista. Quando perguntadas sobre o tempo de prática, 60% das atletas jogam futebol a mais de 15 anos. Sobre o tema discriminação, aproximadamente 66% já sofreu algum tipo de discriminação por jogar futebol e por serem mulher, na abordagem sobre violência e quais os tipos praticados contra as mulheres, 70% das entrevistadas afirmaram saber sobre o assunto, e algumas fizeram determinados apontamentos como sendo: financeira, verbal, psicológica, se já passaram por algo parecido, 91% delas já passaram por algum tipo de violência, principalmente o que caracterizamos como violência verbal e psicológica. Nesse contexto de supremacia masculina, a mulher só terá seu espaço e reconhecimento devido, se mudar a cultura patriarcal que ainda coloca a figura do homem como um ser superior a mulher, seja no esporte como dentro das relações da sociedade de modo geral.

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre a violência, em um primeiro momento parece ser algo fácil de ser abordado, porém, não é tão simples assim, principalmente quando contextualizado com o gênero feminino. A violência pode ser entendida de várias maneiras, podendo ser: física, psicológica, social, sexual, entre outras. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) a violência seria; "...o uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, ou contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mal desenvolvimento ou privação".

A violência contra as mulheres não se dá apenas nos dias de hoje, é algo que vem ultrapassado as décadas, porém nos últimos anos temos acesso há notícias dando maior visibilidade para esse assunto. Desde do ano de 2006, com o surgimento da lei Maria da Penha, a violência contra a mulher passou a ter punições cada vez mais rigorosas.

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006.)

Vinculado ao esporte a mulher vem ganhando seu espaço a cada dia, porém, os conflitos são constantes para adquirir reconhecimento em um ambiente ainda dominado por homens. Segundo Salvini et al (2016), onde o decreto de lei 3.199, de 1941 é citado, a mulher que praticava atividades esportivas que não estivessem de acordo com natureza feminina, estaria postergando tal decreto.

Desta forma, o objetivo desse estudo foi tentar entender um pouco mais sobre como as mulheres praticantes de futebol 7 da cidade de Curitiba lidam quando vivenciam tais situações.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O FUTEBOL E SUAS ORIGENS, SEU INICIO NO BRASIL

Segundo Terossi et al (2009, p.132 apud Leal, 2001), o futebol é originário de jogos realizados com uma bola feita de bambu, sendo disposto em seu primeiro momento com os pés e as mãos para a sua realização. Esses fatos foram registrados na China 5.000 A.c, e no Japão tiveram relatos por volta de 4.500 A.c. Ainda de acordo com Terossi et al (2009, p.132, apud Jesus, 2000 sua expansão se deu principalmente através das colônias Inglesas no período imperial inglês.

No Brasil, o futebol foi trazido por Charles Muller, por volta de 1894, tendo seu primeiro jogo realizado em meados de 1888. No seu início, passou a ser praticado apenas por membros da elite da época e para as mulheres cabia apenas o papel de telespectadoras, quando iam aos estádios. Porém, com a sua popularização, a classe operaria também começou a praticar a modalidade, se tornando algo cada vez mais popular, com isso os membros da alta sociedade passaram a deixar de ir aos estádios. (TEROSSI,2009).

Com a expansão do futebol pelo mundo, natural foi o interesse das mulheres por pratica-lo. Muitos são os relatos sobre o seu início, porém, são incertos, como no relato de Lima et al (2016. p.154 apud Moura, 2003, p.8):

Quando tomamos como base os dados da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), a data que surge é de 1880, quando, na Inglaterra, Nettie Honeyball organizou uma partida. No entanto, surge, no Livro de Bill Murray (2000), a afirmação de que em 1895, em Crouch End (Londres), Nettie (e não Nettle, como aparece nos arquivos da FIFA), Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, que atraiu oito mil espectadores. Outra data, que aparece como da primeira partida oficial, é 1898, quando ocorre o jogo entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. Segundo Murray (2000), a febre futebolística

tomou conta do público feminino e, com isso, já em 1902, houve a primeira retaliação da Federação Amadora Inglesa (FA), banindo tal futebol. Na França, os primeiros clubes femininos surgiram por volta de 1910. (Moura, 2003, p. 8).

Assim, é possível notar que diferente do futebol masculino, no feminino suas origens acabam sendo dúbias. E quando esse esporte começa a se difundir entre as mulheres, mais uma vez elas têm seus direitos negados.

2.2 A MULHER FUTEBOLÍSTA

Quando pensamos sobre o papel da mulher na sociedade, há uma desproporção em relação ao homem. Segundo Terossi (2009), o homem desde da sua era mais primitiva tinha a obrigação de conseguir alimentos para manter a família, enquanto à mulher cabia o papel de cuidar dos filhos e dos deveres domésticos.

Ao levar essas diferenças para o âmbito esportivo, elas se tornam ainda maiores. As mulheres por muitos anos tiveram seu ingresso negado nesse universo. Algumas práticas eram consideradas de extrema agressividade, que exigiam força, virilidade, coragem, tais características associadas apenas ao universo masculino, enquanto para as mulheres cabiam apenas demonstrar feminilidade, beleza, delicadeza, entre outros atributos que a prática esportiva inibiam (SANTANA et al.).

No Brasil, mesmo com o acesso das classes operárias, as mulheres tiveram seus direitos a prática esportiva restrito para certas modalidades como; futebol, futebol de salão, boxe, beisebol, entre outras modalidades. Tais proibições ficaram mais evidentes a partir da Lei nº3.199,art.54 de 14/04/1941 (GOELLNER,2005), pois eram consideradas “violentas”, e por tal razão deveriam passar longe das meninas e moças, pela existência do medo de que a participação das mulheres em tais atividades esportivas poderiam desonrá-las, e além de uma preocupação pelo fato de praticarem esse esporte acabariam por obter sucesso e com isso demonstrariam ser mais fortes do que os homens, assim criando uma perspectiva de uma superioridade de um sexo sobre o outro, ou seja, de que elas poderiam ser capazes. Desta maneira, esses esportes eram uma forma de ir contra a natureza feminina por

serem denominados com “VIOLENTOS”, pertencentes apenas ao universo masculino.

Mesmo sendo proibida a sua prática, algumas mulheres foram além do seu tempo, e não deixaram de vivenciar essas experiências esportivas, indo contra todos os discursos hegemônico que até então as proibiam de tal prática, mesmo que isso demonstrasse ser uma afronta ao que a sociedade da época considerava ser uma espécie de afronta ao que deveria ser a identidade feminina (GOELLNER, 2005). Por volta de 1921, há relatos e registros de um jogo realizado entre as “Senhoritas Tremembenses x Senhoritas Cantarienses”. (GOELLNER, apud Morel & Salles, 2005, p. 262). Alguns autores como o citado por Darido apud Salles, Silva e Costa, apontam que as primeiras partidas de futebol feminino no Brasil foram jogadas na praia do Leblon no Rio de Janeiro na década de 70. Esses jogos eram realizados no período da noite pelo fato das jogadoras trabalharem em turnos contrário aos dos jogos. Suas praticantes na maioria eram mulheres empregadas domésticas. Nessa mesma época, ainda há relatos de jogos organizados por boates gays, outras fontes como citadas por Darido (Jornal Brasil, 1996, p.5), apresenta o futebol como sendo praticado de maneira beneficente. Na década de 80, a mesma CND que proibiu as mulheres no período militar a praticarem determinados esportes, revoga tal Lei.

Após a liberação da prática do futebol feminino na década de 80, surgem muitas equipes femininas, inclusive alguns clubes criam seus próprios times e campeonatos, que passam a ter visibilidade no âmbito nacional. Equipes como RADAR do Rio de Janeiro passam a se destacar ganhando títulos tanto nacionais como internacionais. (GOELLNER, 2005). No entanto, no final da década de 80, o futebol feminino ficou marcado com a decadência da equipe do RADAR e com ele a modalidade, causando novamente mais um atraso no esporte. Somente no ano de 1991, com a entrada do futebol feminino como sendo uma das modalidades olímpicas, dirigentes voltaram a procurar as jogadoras para disputar o mundial na China do mesmo ano e conseqüentemente o Brasil voltou a correr atrás do prejuízo marcado por vários fatores deixado no final da década 80. (GOELLNER, 2005).

2.3 PRECONCEITO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER FUTEBOLÍSTA

A violência é algo que pode estar presente em várias esferas dentro de um contexto sócio-cultural, que muito se associa a necessidade de demonstração de poder, “força” que um indivíduo realiza sobre um outro considerado mais “fraco”, ou sobre uma minoria. (PAIM E STREY, 2008). Tentando entender um pouco os conceitos sobre o tema preconceito, segundo Leite (2006), pode ser considerado uma forma de controle social, ou seja, uma maneira de inibir através da regulamentação da força determinados valores e condutas de um indivíduo. Retratando ainda mais sobre as formas de preconceito, percebemos entre homens e mulheres uma relação de “preconceito de gênero”, (TEIXEIRA et al,2013), tal fato ocorre pela necessidade de se manter ainda vivo a ideia do senso de “maternidade” e “dona do lar”, a mulher frágil por anos associada ao gênero feminino, e o homem como sendo forte.

Assim, desde os tempos mais remotos as diferenças na relação entre homens e mulheres é evidente dentro de um cenário constituído de uma sociedade, onde a mulher é subjugada com sendo inferior ao gênero masculino. A dominação masculina sobre a mulher sempre foi considerada algo natural, por consequência dessa relação de superioridade a violência contra mulher acompanha essa “dominação”. Entramos aí no que podemos considerar como sendo a violência de gênero praticada por homens contra as mulheres podendo ser física, sexual, verbal, explícita ou camuflada, podendo ser abusiva, em que tais atos apenas reforça a relação de desigualdade e reforça uma ação de superior poder masculino. (MENTI E ARAÚJO, 2017). Ainda de acordo com Paim et al (2008), a violência de gênero pode ser considerada como toda forma de força física, psicológica ou intelectual, que obrigue um determinado indivíduo a fazer algo contra sua vontade.

Desta forma, quando entramos no campo esportivo, mas especifico no futebol feminino, mesmo depois de tantas conquistas pelas mulheres para a pratica da modalidade ainda percebemos claramente que a violência e o preconceito de gênero são ainda maiores. De acordo com Santos et al, (2013, *apud* Pessanha, 2006), define-se o preconceito como sendo uma colocação prévia de opiniões sem que para isso seja feita uma análise mais aprofundada, ou seja, não se importando com a veracidade delas. Tais atos quando pensamos na mulher e sua participação dentro do contexto esportivo ainda fica claro a negação da sua inserção nesse

ambiente, pois mesmo tendo seus direitos adquiridos ao longo dos anos ainda assim a sociedade não “aceita” sua participação em alguns esportes, tendo em vista que esses espaços são considerados algo apenas para os homens, o futebol é um exemplo disso. Ficando claro que tamanho são os preconceitos, discriminação e violência que sofrem as mulheres esportistas por querer fazer parte desse universo, esportivo. (PAIM e STREY, 2008).

Como já salientado, essas formas de discriminação da mulher futebolista ocorre há décadas, porém, muitos casos de preconceito já partem do ambiente familiar, vindo de dentro de casa tais situações. Os pais e familiares, muitas vezes são os primeiros a inibirem a participar das suas filhas no futebol, na sua grande maioria por falta de informações, pela associação de atitudes e postura relacionada a modalidade. Contudo, mesmo com tantas conquistas por vários movimentos feministas ao longo das décadas, no futebol a mulher foi e é lembrada não pelas suas conquistas, qualidades técnicas e as táticas, mais sim pela sua beleza, muito retratado pela mídia, que passa a dar maior valorização para a estética do corpo feminino do que para a estética do jogo como um todo. (PAIM e STREY, 2008).

3. METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, que tem a intenção de investigativa e analisar questões relacionada ao universo da mulher futebolista. Segundo Santos et al, (2013) apud Minayo (2004), “...a pesquisa qualitativa procura trabalhar com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, e se adéqua a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos.” Também se caracterizou como sendo uma pesquisa descritiva. Realizada através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, adaptados de Neves et al, (2012) e Paim (2006), ministrados para atletas de futebol 7 da cidade de Curitiba.

3.2 SUJEITOS PESQUISADOS

Para a realização desse estudo foram entrevistadas 12 atletas do sexo feminino, da modalidade de Futebol 7, todas as jogadoras representam equipes que possuem vínculo com alguma federação ou liga. As entrevistadas tinham idades entre 19 e 42 anos idade.

Todas as avaliadas preencheram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), com informações sobre o propósito da pesquisa e que os mesmos não seriam identificados, garantindo o sigilo dos dados de identificação primando pela privacidade e por seu anonimato.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados foram utilizadas as respostas do questionário, composto por 8 perguntas fechadas onde as entrevistadas poderiam marcar a resposta “sim”, “não” e “outros”, e 5 perguntas abertas expressando sua opinião.

4. RESULTADOS

Quando questionadas sobre como iniciaram no futebol, 40% das entrevistadas relataram que foi no ambiente escolar. Outras 40% mencionaram que começaram a jogar na rua, já 10% não opinou sobre esse questionamento e as outras 10% relataram que iniciaram nas quadras do prédio onde moravam.

Ao mencionarem há quanto tempo praticavam a modalidade, 60% das atletas jogam futebol a mais de 15 anos, 30% relatou que pratica o esporte entre 10 e 15 anos, e 10% não respondeu sobre essa questão.

Perguntadas sobre quem as influenciou, 30% das atletas disserem que seus professores tiveram total influência na escolha pela prática do futebol, 30 % tiveram inspiração nos amigos, 15% por parte dos pais, 15 % por outros familiares e 10% não opinou sobre essa questão.

Em relação à aos principais incentivadores (pais, amigos, professores, etc.), a maioria, 40% respondeu que “sim”, tiveram apoio, 30 % apenas as vezes, 20% das atletas não o tiveram, e 10% não opinaram sobre esse questionamento.

Sobre estarem atuando, 90% das entrevistadas jogam por uma ou mais equipes da região de Curitiba, como; NATU F.A, UNIÃO RIBEIRÃO, PARANÁ FUT 7 FEMININO, ITATIAIA F.C, 3 PODERES, PARQUE IGAÇU, DESISTIR JAMAIS, ANJO DOURADO, apenas 10% não respondeu a esse item.

Ao falarmos sobre discriminação, aproximadamente 66% já sofreu algum tipo de discriminação por jogar futebol e por serem mulher, e ainda algumas fizeram observações na sua resposta como: “mulher tem que ficar em casa. (Entrevistada x). Já a entrevistada y, relato o seguinte comentário: “ mulher macho, não é coisa de mulher. ” Outra colocação feita pela entrevistada W, “ Seu lugar não é aqui. Vai lavar uma louça, limpar a casa. ”, ou pelo simplesmente fato de ser mulher como mencionou a entrevistada k. Porém, 34% das atletas relataram não ter sofrido nenhum tipo de discriminação por jogar futebol e nem pelo fato de ser mulher.

Quando o assunto é sobre violência e quais os tipos praticados contra as mulheres, 70% das entrevistadas afirmaram saber sobre o assunto, e algumas fizeram determinados apontamentos como sendo: financeira, verbal, psicológica. Já 30% das meninas não souberam opinar sobre o assunto.

Ao se colocar no papel da mulher futebolista, quando foram perguntadas se já passaram ou presenciaram algum tipo de violência contra a mulher, aproximadamente 91% delas já passaram por algum tipo de violência, principalmente o que caracterizamos como violência verbal e psicológica, como relatada pela entrevistada W: “ Verbal é o que mais deixa com o psicológico abalado. ”

No entanto, ao analisar algumas das respostas abertas do questionário, é possível se deparar com um universo de muita revolta, como é possível notar na resposta da atleta “W” quando perguntada sobre o que ela pensava sobre a violência contra a mulher no esporte. “Uma indignação, porque lutamos dia a dia por igualdade e cada vez mais estamos sofrendo com essa violência. ”. Para a atleta “S”, ela se coloca da seguinte maneira: “ Mundialmente falando a mulher muita violência no esporte, e no Brasil então nem se fala! A violência é triplicada por causa

do machismo que é muito forte. Enquanto a sociedade não mudar esse tipo de pensamento a mulher sempre vai sofrer algum tipo de violência. ”

Quando pensamos sobre casos de violência no esporte feminino, 91% das atletas entrevistadas já ouviram notícias falando sobre, e ao comentar em relação a esses fatos, relatos como o da entrevistada “k” dizendo que: “ A gente sempre houve, já se tornou tão comum. “, ou ainda como coloca a entrevistada “S”: “ Já i e já ouvi casos de violência verbal, psicológica, física contra a mulher, que realmente é lamentável. ”

Em relação a violência contra a mulher e seus efeitos no desempenho esportivo, relatos como o da entrevistada “A”, acaba por servir de motivação; “ Acho que não podemos desisti e que juntas somos mais fortes. ” A colocação da entrevistada “k” já aponta para uma outra situação; “ A gente fica desmotivada, porque treinar por algo que nunca vai ser reconhecido. ” Para a entrevistada “S”, a violência dificulta a desempenho da mulher esportista; “ Qualquer tipo de violência acaba frustrando a mulher, no seu desempenho em qualquer ocasião, seja em treino, jogos, corpo, etc.” A entrevistada “W”, coloca da seguinte maneira: “ Para mim independente de tudo se a mulher gosta ela tem que jogar com desempenho ou não, talvez seja uma maneira de esquecer os problemas e vim jogar esquece e fazer o que mais gosta. ”

Para finalizar as perguntas do questionário, elas puderam acrescentar algum comentário que não tenha sido abordado no questionário. A atleta “Y”, finaliza fazendo a seguinte colocação: ” Respeito é a palavra, cada um faz da sua vida o que quiser. O esporte só beneficia a todos, independentemente da modalidade. ” Já a entrevistada “s” finaliza da seguinte maneira: ”Parar a violência que é muito forte e o preconceito, a falta de investimento nessa modalidade é muito grande, falta patrocínio, mídia em cima, tudo o que o masculino tem feminino não tem.

As respostas das atletas entrevistadas, foram transcritas conforme as mesmas colocaram no questionário. Foram usadas letras para descrever seus nomes, para preservar suas identidades.

5. DISCUSSÃO

Em um estudo semelhante realizado por Santos et al (2013), com 36 indivíduos do sexo feminino, um dos itens abordados é o tema da violência e o preconceito com a mulher que joga futebol. A entrevistada dessa pesquisa tem suas respostas muito semelhantes com a praticantes de futebol 7 de Curitiba. Assim como no presente estudo, podemos observar nos dados obtidos da pesquisa, que o preconceito, a discriminação e a violência que são deferidos contra a mulher esportista, aparecem em vários momentos nas falas das atletas entrevistadas. As formas mais recorrentes que a violência e o preconceitos aparecem nos relatos são: física, psicológica, verbal, ou até como demonstrado em algumas falas das entrevistadas que já sentiram na pele como é sofrer preconceito racial.

Tentar acabar com atos violentos e de preconceito contra a mulher no esporte, seja ele qual for, foi uma das preocupações apresentadas pelas atletas, e que deveria partir não somente das pessoas envolvidas, mais de toda a sociedade, que de acordo com a fala delas, através da educação a aceitação seria muito maior.

6. CONCLUSÃO

Com esse estudo, foi possível perceber que muitos foram as mudanças e avanços que o futebol vem sofrendo ao longo dos anos, seja no Brasil ou no mundo. Porém, quando pensamos no futebol feminino, ainda há muito o que se fazer para tornar a modalidade aceita e respeitada no meio esportivo. Pois a discriminação e violência que são praticadas contra as mulheres, muito se dá por entendermos que esses atos são de origem cultural, social, aprendida e transmitida por uma sociedade que ainda tem uma visão patriarcal, que associa a figura masculina grau de superioridade em relação à imagem da mulher. E para mudar esse cenário de desigualdade principalmente quando falamos da desigualdade de gênero, só será possível através de mudanças providas através da educação.

Ao finalizar essa pesquisa foi possível notar que muitos são e serão os desafios a serem percorridos pelas mulheres futebolistas para conquistar seu

espaço nesse ambiente dominado pelos homens. Como citado Salvini et al (2016), mesmo com a revogação da lei nº3.199,art.54 de 14/04/1941, que causou um atrasado no desenvolvimento do esporte profissionalizante feminino de aproximadamente mais de 30 anos, vimos que mesmo depois que liberadas para praticarem tais esportes antes proibidos percebemos o resultado desse atrasado até os dias de hoje, como por exemplo; na falta de campeonatos organizados de maneira bem estruturada, calendários que possam ser seguidos pelas equipes, e não como o que vemos hoje em dia, mais envolvimento dos clubes, não só porque uma lei os obrigam a terem uma equipe feminina no seu plantel, participação das federações com o intuito de contribuir para divulgar a modalidade e não só apenas vendo como uma fonte de lucro, como pode se percebido no Futebol 7 de Curitiba, cobrando taxas absurdas de transferências e valores exorbitantes nas inscrições das competições, melhorar divulgação pela mídia, que se envolve apenas quando existe algum evento de nível internacional, tentar criar uma cultura para melhorar o apoio por parte de patrocinadores, principalmente para os times amadores que não possuem um “escudo” de nome, que lutam diariamente para mostrar que desenvolvem um trabalho sério no futebol.

Concluo então, que os desafios e caminhos percorridos para que o futebol feminino passe realmente a ser reconhecido no Brasil, com vemos em outros países pelo mundo, ainda vai ser muito longo. Principalmente porque não vivemos uma cultura esportiva de verdade. Mesmo com tantos programas para desenvolver o esporte de modo geral, ser atleta profissional ainda é para poucos e quando entramos no contexto do esporte amador, ser atleta dessa classe e ainda ser mulher, os desafios se tornam ainda maiores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAHLBERG,Linda L. KRUG.Etienne G. **Violência:um problema global de saúde pública.** Ciência & Saúde Coletiva. 11 (Sup).1163-1178,2017. <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0> . Acesso em :10/12/2018.

FERNANDES, Andréia Karl. **A história do Futebol Feminino.** Trabalho final de conclusão de curso de especialização em Futebol – EEFD/UFRJ. 1991. <https://www.yumpu.com/pt/document/read/15975106/resumo-de-a-historia-do-futebol-feminino-na-sintrefutj>. Acesso em: 03/05/2018.

FERRARI,David. CAIDO,Marina. **Quando jogar bola virou crime: a proibição do futebol feminino no Brasil.** 15 jun 2019. <http://jornalismojunior.com.br/quando-jogar-bola-virou-crime-a-proibicao-do-futebol-feminino-no-brasil/> . Acesso em 10/03/2019.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Rev. bras. Educ. Fís. Espo., São Paulo,v.19,n.2p.143-51.abr./jun.2015.

LEGISLAÇÃO. **Legislação Informatizada - DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941** - Publicação Original.Diário Oficial da União - Seção 1 - 16/4/1941, Página 000 (Publicação Original).Diário Oficial da União - Seção 1 - 18/4/1941, Página 7452 (Retificação). <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>.Acesso em 15/10/2018.

LEITE.G. **O QUE É PRECONCEITO?** Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/o-que-e-o-preconceito>. Acesso em: 25/01/2019.

LIMA,Nilsângela Cardoso. Sousa,Maria Gleyciane Barbosa de. **(In) visibilidade das mulheres nos campos de futebol: quebra de tabus e ampliação de sua presença no espaço público mediante a prática do esporte profissional.** Rev.Eptic.vol.18, nº1, jan.- abril 2016. ISSN 1518-2487.

MENTI, Daniela Cristina. ARAÚJO, Denise Castilho de. **Violência de Gênero contra Mulher no cenário dos esportes.** Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v.16, n.31, jan./jun.2017,p.73-88.

NEVES, Juliana Cordeiro. FAGUNDES, Guilherme Humenhuk Fagundes. **Caminhos e desafios do Futebol Feminino na Escola.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tuiti. Curitiba/Paraná. 2012.

Presidência da República, Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006.** http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm . Acesso em:17/11/2018.

SANTANA, Daiane de Oliveira. SILVA, Grasiela Oliveira de Santana. **O papel da mulher dentro do contexto esportivo**: Uma análise a partir do futebol. <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1562/386>. Acesso em: 09/10/2018.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. STREY, Marlene Neves. **A Face oculta das Violências contra a mulher no contexto esportivo**. EFDEPORTES, Revista Digital – Buenos Aires – Ano 12 – nº177 . Fev.2008.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. STREY, Marlene Neves. **Violência de Gênero no Contexto Esportivo**. http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/P/Paim_Strey_05_B.pdf. Acesso em 15/11/2018.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a mulher no Esporte sob perspectiva de Gênero**. Tese de conclusão do curso de Doutorado em Psicologia. PUC. Porto Alegre, 2006.

SANTOS, Izabela Almeida dos. OLIVEIRA, Ailton Fernando de. WICHI, Rogério Brandão. **As formas de preconceito no futebol feminino**. EFDEPORTES, Revista Digital – Buenos Aires – Ano 18 – nº180. Maio. 2003.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos. CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática**. Rev. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan./mar de 2013.

TEROSSI, Maria Beatriz. D'ANGELO, Adriana Paula. **Futebol e Gênero: A visão Nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres**. Anuário da Produção Acadêmica Docente. vol. III, nº4, Ano 2009.

APÊNDICE 1

“Futebol Feminino: A Violência oculta contra as Mulheres no Esporte, seus desafios e preconceitos, relatos do Futebol7 Feminino de Curitiba.”

QUESTIONÁRIO ATLETAS FUTEBOL 7 FEMININO AMADOR DE CURITIBA

1. QUAL SEU NOME E SUA IDADE?

2. ONDE COMEÇOU OU PRATICOU FUTEBOL PELA PRIMEIRA VEZ?
 Escola
 Clube
 Na Rua
 Outros _____

3. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ PRÁTICA O ESPORTE?
 ENTRE 1 E 4 ANOS
 ENTRE 5 E 10 ANOS
 ENTRE 10 E 15 ANOS
 MAIS DE 15 ANOS

4. QUEM TE INFLUENCIOU NA ESCOLHA POR ESSA PRÁTICA ESPORTIVA?
 PAIS
 AMIGOS
 PROFESSORES
 OUTROS, QUAIS? _____

5. VOCÊ TEVE ALGUM INCENTIVO POR PARTE DE FAMILIARES, AMIGOS, PROFESSORES, ETC....; QUANDO COMEÇOU A PRATICAR FUTEBOL?
 Sim
 Não
 Às vezes

6. ATUALMENTE VOCÊ JOGA POR ALGUMA EQUIPE DE FUTEBOL 7 DE CURITIBA?
 Sim
 Não
 Qual(is)? _____

7. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO POR JOGAR FUTEBOL, POR SER MULHER?
- () Sim
() Não
() Que tipo? _____
8. VOCÊ SABERIA DIZER QUAIS TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SÃO PRATICADOS ATUALMENTE, PRINCIPALMENTE NO FUTEBOL?
- () Sim
() Não
() Que tipo? _____
9. VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA POR JOGAR FUTEBOL (FÍSICA, VERBAL, PSICOLÓGICA, ETC.) OU JÁ PRESENCIOU ALGUMA MENINA PASSANDO POR ALGO NESSE SENTINDO?
- () Sim
() Não
() Que tipo? _____
10. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPORTE?
11. VOCÊ JÁ VIU OU OUVIU NOTÍCIAS DE CASOS CONHECIDOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPORTE?
12. EM RELAÇÃO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E SEUS EFEITOS EM RELAÇÃO AO TREINAMENTO, JOGOS, DESEMPENHO ESPORTIVO, CORPO, QUAL SUA OPINIÃO?
13. VOCÊ GOSTARIA DE COMENTAR ALGO QUE NÃO FOI ABORDADO NESSE QUESTIONÁRIO?

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado a participar do Trabalho de Monografia, requisito parcial de conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Preparação Física nos Esportes, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, intitulado **Futebol Feminino: A Violência oculta contra as Mulheres no Esporte, seus desafios e preconceitos, relatos do Futebol Feminino de Curitiba.**

O trabalho será realizado pela acadêmica **Meiry Helen Maria da Paixão**, orientada pelo pesquisador responsável, professor Dr. **Julimar Pereira**.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária e consistirá em responder a um questionário com perguntas abertas e fechadas.

Não haverá riscos relacionados à sua participação.

Garantimos o sigilo de seus dados de identificação primando pela privacidade e por seu anonimato. Manteremos em arquivo, sob nossa guarda, por 1 ano, todos os dados e documentos da pesquisa. Após transcorrido esse período, os mesmos serão destruídos.

Você tem a liberdade de optar pela participação na pesquisa e retirar o consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de comunicar-se com o(s) pesquisador (es).

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será rubricado em todas as folhas e assinado em duas vias, permanecendo uma com você e a outra deverá retornar ao pesquisador. Abaixo, você tem acesso ao telefone e ao endereço eletrônico institucional do pesquisador responsável, podendo esclarecer suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, em qualquer momento no decorrer da pesquisa.

Telefone institucional do pesquisador responsável (41) 99770-9536

E-mail institucional do pesquisador responsável: meiry_09@hotmail.com

Nome do pesquisador responsável: Meiry Helen Maria da Paixão

Assinatura do pesquisador responsável

Local e data: Curitiba, _____ de _____ 2019.

Declaro que li o TCLE: concordo com o que me foi exposto e aceito participar da pesquisa proposta.

Assinatura do sujeito da pesquisa
